

Exercício etnográfico em clubes de prostitutas na região central de Florianópolis/SC: desafios de uma experiência interdisciplinar*

Leandro Cisneros¹

Silvana Maria Pereira²

Simone Ávila³

Universidade Federal de Santa Catarina

O presente trabalho é o resultado de um exercício de prática etnográfica proposto na disciplina de Métodos Antropológicos, coordenada por Miriam Grossi, Carmen Rial, Tânia Welter e Mônica Suarez, oferecida para estudantes de doutorado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Propusemo-nos a pesquisar um dos *campos fechados* da Antropologia, o da prostituição, na região urbana de Florianópolis/SC. Nossa contribuição à reflexão sobre a interdisciplinaridade se faz presente na construção teórico-metodológica do *campo* de pesquisa, a partir das nossas trajetórias profissionais e percursos de estudo feitos em três áreas, orientações e instituições diferentes.

Palavras chave: Pesquisa interdisciplinar – Pesquisa de campo – Etnografia – Florianópolis/SC

This paper is an ethnographic exercise proposed to doctoral students in the course of Anthropological Methods, coordinated by professors Miriam Grossi, Carmen Rial, Tania Welter and Mônica Suarez, offered in the Interdisciplinary Graduate Program in Human Sciences. Our work is limited to one of the close fields of anthropology: the prostitution in Florianópolis/SC's downtown. Our contribution to reflection on interdisciplinary research is present in the theoretical-methodological construction of the field of research, from our different professional career and courses of study made in three different areas, orientations and institutions.

Keywords: Interdisciplinary research – Field research – Ethnography – Florianópolis/SC

* Ethnography exercise in clubs in Florianópolis/SC's downtown: challenges of one interdisciplinary experience

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, CFH/UFSC, Bolsista da CAPES. Endereço para correspondências: Servidão Prof. Gercino Belarmino da Silva, 107, Pântano do Sul, Florianópolis, SC, 88067-080 (leo_cis@yahoo.com.br).

² Enfermeira do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, CFH/UFSC. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC. Endereço para correspondências: Rua Capitão Romualdo de Barros, 776, Apto. 305-C, Saco dos Limões, Florianópolis, SC, 88040-600 (sil.pereira@gmail.com).

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, CFH/UFSC. Endereço para correspondências: Avenida Borges de Medeiros, 907, Apto. 91, Centro Histórico, Porto Alegre, RS, 90020-025 (simoneavila10@brturbo.com.br).

Introdução

Neste texto, apresentamos nossa experiência em um exercício de prática etnográfica proposta na disciplina de Métodos Antropológicos do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC. O desafio de um trabalho de observação etnográfica em sociedades urbanas que nos possibilitasse um “estranhamento” fez com que optássemos por este tema: “Há erotismo na comercialização do sexo? Investigando clubes de prostitutas na região central de Florianópolis”. Assim, “sair a campo” em um contexto urbano, que embora tenha alguma relação familiar conosco, pode estar próximo e não ser conhecido (VELHO, 1978; CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000).

A prostituição recebeu nomes diversificados em diferentes épocas (PEDRO, 2010), assim como as mulheres que fazem esse tipo de trabalho. No Brasil, em 2002, alçou o estatuto de um trabalho reconhecido, sendo incluída na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO (BARRETO, 2008). A discussão sobre o nome usado para se referir à prostituição não é consenso e é uma constante, tanto no movimento organizado de prostitutas, como na academia.

Segundo Barreto (2008), a Rede Brasileira de Prostitutas já foi adepta do termo “trabalhadoras do sexo”, porém, atualmente propõe o uso do termo “prostituta”, apesar das conotações negativas associadas a ele. Esse será o termo usado neste trabalho ao nos referirmos às mulheres profissionais do sexo. Tal opção corrobora com o que Judith Butler (2002; p. 313) escreve acerca do uso do termo “*queer*” (grifo da autora), o qual já teve um significado de degradação e representava um estigma (sexualidade patologizada) e hoje, com a “refundição – dar nova forma”, representa uma afirmação presente ou futura.

Nossa ideia inicial era pesquisar as estratégias de sedução de mulheres que fazem *shows* de *strip-tease* em casas noturnas de Florianópolis. O trabalho de campo começou pela busca na internet, acessando *sites* sobre casas noturnas de Florianópolis que oferecem esse tipo de espetáculo. Nessa busca, deparamo-nos com duas dificuldades: os ingressos eram caros e em algumas boates a entrada é proibida às mulheres. Esses são os imponderáveis que surgem em uma pesquisa.

Decidimos então ir à Rua Conselheiro Mafra, conhecida em Florianópolis por oferecer prostitutas, hotéis baratos e boates. Também alteramos nossos objetivos, que passaram a ser: conhecer os espaços públicos de oferta de serviços de sexo por prostitutas; observar o público frequentador e os jogos de sedução envolvidos e observar se, nas primeiras aproximações, com ênfase no contato visual, se estabelecem algum tipo de jogo sensual erótico que anteceda a mero acordo comercial.

A partir da redefinição dos objetivos, tivemos de repensar os questionamentos iniciais, estabelecendo os seguintes:

Exercício etnográfico em clubes de prostitutas na região central de Florianópolis/SC

L. Cisneros, S.M. Pereira & S. Ávila

- A prostituta apenas estaria vendendo a possibilidade de se fazer uso do seu corpo para uma mera satisfação física, ou, antes disso, ela estaria vendendo *fantasias erótico-amorosas*?
- A atitude de alimentar no cliente a criação da fantasia de relacionamento amoroso-afetivo seria um ritual necessário para conquistar o cliente perante a concorrência e assédio das colegas?

Os caminhos que nos levaram à rua Conselheiro Mafra

Conforme escreve Nonnenmacher (2010; p. 95), a Rua Conselheiro Mafra (Figuras 1 e 2) é conhecida na cidade como um espaço de comércio sexual desde “os tempos de movimentação portuária”. Característica que ainda marca essa rua, embora o aterro a tenha afastado do mar e já não haja movimento de embarcações.

Para Nonnenmacher (2010), além do descontentamento de parcela da população com as cenas de encontros protagonizadas nesse espaço, evitava-se o percurso de determinados trechos da rua, principalmente à noite. As famílias, os rapazes e, em especial as “moças respeitáveis” não deviam ultrapassar os limites simbólicos impostos pelo “fantasma da prostituição”. “Era difamatório e depreciativo para uma mulher direita que passasse ali” (NONNENMACHER, 2010; p. 104). Essa movimentação foi confirmada nas nossas saídas a campo.



Figura 1
Florianópolis antiga – vista aérea.



Figura 2

Rua Conselheiro Mafra

Fonte: Silvana Pereira, 18 de Junho/2011.

Alguns hotéis citados por Nonnenmacher ainda continuam em funcionamento e foram identificados em nosso passeio noturno, como o Hotel Cruzeiro (Figura 3) e o Dormitório da Ilha. Ela também cita “entre os remanescentes de um comércio que já foi mais próspero... o Bar Gruta Dourada e o *Moon Light bar*” (NONNENMACHER, 2010; p. 100).



Figura 3

Hotel Cruzeiro

Fonte: Pesquisadora B, 28 de Junho de 2011.

A partir dessa descrição preliminar, procuramos definir o cenário das interações e significações (tanto pesquisados-pesquisadas, como pesquisados-pesquisadores), partindo da base de um “conceito semiótico de cultura”,

entendendo que o que estávamos prestes a conhecer era mais do que “atores-agentes” ou “comportamentos”, pois é uma cultura, entendendo-a como um *contexto*, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível (GEERTZ, 1989). A seguir, apresentamos nossa experiência etnográfica.

Explorando o campo

Fizemos três inserções no campo. Na primeira, estavam Silvana e Simone, e o campo foi a Rua Conselheiro Mafra. Na segunda, estavam os pesquisadores Simone e Leandro, e o campo foi a *whiskeria* da Rua Padre Roma esquina com a rua Conselheiro Mafra. Na terceira, estávamos todos e o acompanhante de uma das pesquisadoras, e o campo foi a *whiskeria Moon Light* da Rua Conselheiro Mafra.

Para contemplar a presença de Simone em Florianópolis, nossas saídas a campo aconteceram nas noites de terça ou quarta-feira, entre às 21h e às 23h.

Chegando à Rua Conselheiro Mafra, percebemos que não teríamos condições de observar o que tínhamos nos proposto inicialmente porque não encontramos o que nos indicava a teoria: uma rua que à noite é habitada por homens e prostitutas.

Peirano (1995) afirma que não há como ensinar a fazer pesquisa de campo, uma vez que ela depende de variáveis imprevisíveis, como as escolhas teóricas do pesquisador e os imponderáveis da vida cotidiana verificáveis em campo.

É importante que sempre tenhamos clareza de que as nossas construções são feitas a partir das construções de outras pessoas, e isso é o que se constitui em “nossos dados” (GEERTZ, 1989). Seguindo o raciocínio desse autor, a análise consiste em “escolher entre as estruturas de significação”, escolha que começaria com a identificação dos diferentes “quadros desiguais de interpretação”. Portanto, podemos dizer que, nas rotinas de coleta de dados, os etnógrafos defrontam-se com uma “multiplicidade de estruturas conceituais complexas”, de tal sorte que “fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de *construir uma leitura de*) um manuscrito estranho” (GEERTZ, 1989; grifo do autor).

A partir dessa perspectiva, concordamos em falar que nosso texto antropológico também é “interpretação de segunda e terceira mão”. Portanto, ele não é outra coisa que *ficções*, não no sentido de irreal ou fantasioso, mas no sentido de ser “algo construído”, “algo modelado”. Dessa maneira, construir descrições orientadas pelos atores envolvidos nos acontecimentos estudados se constitui claramente num ato de imaginação, cuja importância reside nas “condições de sua criação e o seu enfoque” (GEERTZ, 1989; p. 25-6).

Falando concretamente sobre nossa prática, o percurso do primeiro dia na Rua Conselheiro Mafra foi desde a Praça XV até a esquina com a Rua Padre Roma. Havia certo movimento próximo ao Mercado Público, mas à medida que nos afastávamos desse local, a rua ficava mais vazia. Nessa primeira incursão, estavam presentes Silvana e Simone.

Passando pela Rua Pedro Ivo, avistamos uma *whiskeria*, a *Moon Light*. Estava aberta, mas não havia sinais de movimento, até o banco do porteiro estava vazio. Seguimos um pouco mais à frente e vimos um homem parado na esquina, na frente de outra *whiskeria*, no andar de cima de uma casa de dois andares, cuja entrada era pela Rua Padre Roma. Silvana sugeriu que falássemos com ele para perguntar se ali aconteciam *shows* de *strip-tease*. A sugestão foi aceita, mas havia uma sensação de bastante desconforto entre nós por termos de abordar um desconhecido. Quem iniciaria a conversa? O que perguntaríamos a ele? Como nos aproximarmos dele?

Para Da Matta (1981; p. 157), um etnólogo realiza uma dupla tarefa, transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico. Para o autor, as noções de exotismo e familiaridade exprimem a “ideia de que fatos, pessoas, categorias, classes, etc. poderiam ser parte do universo diário, ou não”. Para nós, o “desconhecido” era exótico, pois estava fora do nosso mundo diário e do nosso universo social.

Velho (1978) apoia-se na proposição de Da Matta sobre “transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico... o que vemos e encontramos sempre pode ser familiar, mas não necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas até certo ponto, familiar” (VELHO, 1978; p. 39). Isso significa que o conhecimento pode estar seriamente comprometido pela rotina, hábitos e estereótipos. O processo de descoberta e análise do que é familiar pode envolver dificuldades diferentes do que em relação ao que é exótico. Temos mapas mais complexos e cristalizados para nossa vida cotidiana do que em relação a grupos ou sociedades distantes e afastadas.

O sujeito desconhecido foi bastante simpático e acessível, diminuindo nosso estranhamento inicial. Começamos a conversar e ele perguntou de onde éramos. Silvana respondeu que Simone era de Porto Alegre e que ela morava em Florianópolis, mas era do Paraná. Ele disse que era gaúcho também. O “Gaúcho” disse que morou quatro anos em Porto Alegre, mas que há vinte anos mora em Florianópolis. Ele disse que não gostava de Porto Alegre porque foi para lá para trabalhar e virou “escravo”, pois trabalhava para um “alemão” dono de um mercadinho, que resolveu abrir um restaurante que funcionava 24 horas. Ele contou detalhes do seu trabalho, citando algumas boates que eram próximas do restaurante em que trabalhava.

Exercício etnográfico em clubes de prostitutas na região central de Florianópolis/SC

L. Cisneros, S.M. Pereira & S. Ávila

Como Simone também conhecia essas boates, a conversa aconteceu de forma descontraída e ficamos mais à vontade. Parece que tanto nós quanto o “Gaúcho” estávamos buscando pontos em comum, ou, dito de outro modo, buscávamos “familiaridade”; estávamos construindo “mapas” que nos familiarizassem com a situação em que estávamos vivenciando. Como diz Velho (1980), é importante lembrar que familiaridade e proximidade física não significam necessariamente conhecimento e não nos tornam livres de estarmos socializando com estereótipos e preconceitos. A experiência do estranhamento, como o autor afirma, pode se dar em nossa própria sociedade e deve ser elaborado pelo pesquisador a fim de evitar “reações preconceituosas de espanto diante do inusitado” (VELHO, 1980; p. 16).

Observar e ser observado

Nossa segunda incursão foi na *whiskeria* da esquina da Rua Padre Roma com a Rua Conselheiro Mafra. Estavam apenas Leandro e Simone, que chegaram ao local por volta de 21h30. Leandro entrou na frente e subiram a escada. Estavam saindo, naquele momento, dois homens jovens. Havia no ambiente em torno de dez mesas pequenas e um espaço para dançar, com globo de espelhos no teto. Sentamos em uma mesa localizada à frente de uma parede com espelhos, pois dessa forma nós poderíamos ver o que acontecia atrás de nós.

Em frente ao balcão havia cinco cadeiras altas. Estavam ali cinco moças jovens, o “Gaúcho”, com quem Silvana e Simone conversaram no outro dia, o qual parecia ser o gerente do local, e mais dois homens, que não conseguimos identificar o que faziam ali, pois estavam à vontade e não pareciam ser clientes. Eles conversavam e tomavam chimarrão.

Ao mesmo tempo em que observávamos as pessoas, também éramos observados por elas. Não podemos ser ingênuos a ponto de pensar que nossa presença ali não causaria estranheza; nossa presença não era neutra. A relação entre pesquisador e pesquisados é uma via de mão dupla. Vários teóricos fazem referência à presença do pesquisador em campo e a curiosidade que sua presença suscita nos sujeitos pesquisados.

Como exemplo, lembramos as situações pelas quais passou Foote-Whyte (1980). Na descrição da pesquisa desenvolvida na década de 1940 sobre gangues de rua em um bairro de Boston, Foote-Whyte comenta que os amigos de Doc, seu colaborador de pesquisa que o inseriu no campo, não fizeram nenhum comentário sobre ele na sua presença, mas ao se afastar, esses amigos perguntaram a Doc se ele não seria um policial. Além disso, as pessoas do bairro teciam suas próprias explicações sobre Foote-Whyte.

Para Enriquez (1998; p. 37), “todo encontro com o outro é semeado de obstáculo... O outro é sempre suspeito, geralmente com razão, de querer nos invadir”. De certa forma, estávamos invadindo um espaço que não era nosso e sendo invadidos por dúvidas para as quais no momento não tínhamos resposta. Quem eram aquelas pessoas? Qual a sua história de vida? Como é o seu trabalho? O que temos em comum? Em que somos iguais e em que somos diferentes? O que essas pessoas pensam que estamos fazendo aqui? O que nós estamos fazendo ali mesmo?

Observar e sermos observados não é uma tarefa simples, pois o desconforto em campo é grande e foi para nós um desafio. O estranhamento pode ser também o meio de autorreflexão (PEIRANO, 1995). “Reconhecer sua própria estranheza é encontrar a si mesmo com surpresa, é também encontrar os outros, na medida em que fazem parte de nós mesmos, e dialogar com seres sempre desconcertantes” (ENRIQUEZ, 1998; p. 39).

Perante todas as dificuldades mencionadas e a nossa própria inexperiência enquanto pesquisadores, o texto de Foote-Whyte (1980) nos ofereceu um excelente guia para elaborar nossos percursos na construção do campo e da nossa narrativa etnográfica. Pela experiência ali relatada, tivemos um parâmetro para poder dimensionar e analisar a complexidade, as complicações e a riqueza do exercício da observação participante como técnica/estratégia mais propriamente antropológica ou, mais precisamente, etnográfica.

Nossa narrativa também tem a intenção de expor as nossas próprias expectativas, quando confessamos os medos e as inseguranças que o desafio do campo impôs. Especialmente quando essa saída foi protagonizada por mulheres, em locais identificados como destinados a um público masculino, por exemplo, ao abordar o homem da porta da *whiskeria*, o “Gaúcho”.

Ao longo dessa narrativa sobre nossa inserção em campo, tentamos apresentar os diferentes elementos de observação, como os ambientes, suas decorações, disposições espaciais dos objetos, os climas subjetivos provocados em nós, as personagens e tipos de agências intuídos, percebidos nelas.

Consideramos importante também compor nosso texto com os problemas que tivemos que nos defrontar no andamento da pesquisa e como eles influíram na definição do “objeto”, na sua observação, na coleta de dados, nas possíveis interpretações, enfim, nos resultados da pesquisa.

As decisões e a direção tomadas ao longo da pesquisa ocupam uma posição central na nossa breve experiência etnográfica, como a mudança de clubes noturnos de *strip-tease* para “boates”. Da mesma maneira, gostaríamos de poder deixar os leitores a par das nossas mudanças nas decisões e as novas direções que a pesquisa ia tomando, conforme o campo ia permitindo ou os interesses de estudo, exigindo.

Exercício etnográfico em clubes de prostitutas na região central de Florianópolis/SC

L. Cisneros, S.M. Pereira & S. Ávila

Parte da nossa proposta é elaborar um texto numa linguagem simples, quase coloquial, mas que vá tecendo uma narrativa etnográfica o mais rica possível em detalhes e elementos de análise. Por exemplo, os próprios pressupostos epistemológicos e metodológicos, quando ponderamos as nossas possibilidades e limitações para a observação participante, ou a nossa preocupação com a orientação e os efeitos das influências que afetariam a realidade a ser estudada.

Por exemplo, cada um de nós poderia fazer “seu” campo individualmente e depois juntar as experiências de cada um, mas optamos por fazê-lo em grupo. Seria muito diferente se Leandro, sendo homem e “potencial” cliente de prostitutas, fosse sozinho às boates e não acompanhado por uma de nós. Nossa percepção do campo seria outra, provavelmente.

Após as duas primeiras inserções, nas quais o grupo não estava completo, na terceira inserção, com os três juntos, tivemos de decidir aonde iríamos. Voltaríamos na primeira *whiskeria*, onde Simone e Leandro, considerados um “casal” pela garçonete, estiveram? Ou iríamos à *Moon Light*? Escolhemos a *Moon Light*.

Em relação a essas questões da observação participante, talvez não tenham como ficar muito explícitas nossas conversas sobre questões metodológicas, que dizem respeito à maneira de elaborar e organizar os registros das nossas incursões no campo. No entanto, seguindo os conselhos do antropólogo experiente, entendemos as razões da conveniência de que essa organização e reorganização dos registros também deviam estar abertas às vicissitudes do que está acontecendo no decorrer da própria pesquisa (FOOTE-WHYTE, 1980; p. 85-6).

Fantacias, ilusões, afetos...

Em pesquisa realizada sobre prostituição de mulheres em áreas urbanas em Florianópolis, Fáveri (2010) encontrou dificuldades em conseguir informações com os homens clientes. Ela observou que há uma rede que sustenta pessoas e famílias e também identificou um “deslocamento da prostituição das ruas para apartamentos, no horário diurno,... somado ao anonimato do cliente, está relacionado à violência das ruas” (FÁVERI, 2010; p. 29). Seria esse um dos motivos pelos quais observamos pouco ou nenhum movimento nos locais visitados? Algumas dessas mulheres, que estão pelas ruas oferecendo seus serviços, “vestem-se de maneira que não se distinguem das outras”, conforme o diário de campo de Leandro nos mostra.

Confirmamos em nossas saídas a campo, o que diz a literatura, que nesse tipo de comércio, nessa região, os clientes são majoritariamente homens.

Por outra parte, Fáveri também narra que essa relação comercial nem sempre envolve dinheiro, algumas vezes pode se apoiar em trocas de favores ou serviços, ou seja, podem extrapolar o comércio e envolver relações de afeto e amizade, constituindo um espaço de sociabilidades.

As justificativas para a busca de serviços de prostituição vão desde a “natureza que grita” (FAVERI, 2010; p. 35) à comodidade por não precisar “enfrentar outros machos” e porque consideram mais barato e não há cobrança posterior. Um depoimento dado a Fáveri ilustra bem essa percepção: “Esse papo de que comer mulher *sem pagar* é melhor do que ir a um puteiro é bem relativo, até porque nenhuma mulher é de graça nem vai ser... se olhar bem, isso fica no mesmo preço de comer uma puta” (FÁVERI, 2010; p. 35, grifo da autora). Surgem inclusive comentários de que, na comparação, a prostituta sai mais barato do que a namorada. Também aparece como argumentos a questão fisiológica (“todo homem é escravo do sexo”), a desobrigação com o afeto, a solidão, a “dor de corno” e a timidez.

Considerações finais

Nossa experiência nesse breve exercício etnográfico nos permite afirmar que pesquisas em “campos fechados”, como o nosso, não são possíveis de realizar em tão pouco tempo, mesmo fazendo adequações ao longo da pesquisa, em virtude dos imponderáveis que o campo nos apresentou. Além disso, o dia e horários escolhidos não foram os mais adequados. Para atingirmos os objetivos propostos, teríamos de rever nossa metodologia e nossas estratégias em campo.

A experiência interdisciplinar deste trabalho foi muito gratificante, pois a troca de experiências entre nós, as diferentes percepções e pontos de vista, e nossas discussões foram bastante enriquecedoras. Sobre tudo na hora de elaborar e definir os critérios, as categorias de análise e apurar as considerações teóricas sobre a realidade observada.

Esta coautoria a três nos mostrou o valor e a importância das diferenças de formação e experiência profissional, de percursos institucionais, de gêneros, de áreas de interesse de pesquisa, ao mesmo tempo em que evidenciou o valor e importância das semelhanças entre os pesquisadores.

Uma questão que gostaríamos de levantar diz respeito a nossa experiência com a escrita etnográfica. Não duvidamos em que a nossa produção final, como dizia Geertz, é uma “interpretação de segunda e terceira mão”, é uma “ficção”, “um ato de imaginação”, e nos sentimos plenamente contemplados quando ele afirma que a “importância [desta escrita] reside nas condições de sua criação e o seu enfoque” (GEERTZ, 1989; p. 25-6). Este texto o mostra claramente.

Exercício etnográfico em clubes de prostitutas na região central de Florianópolis/SC

L. Cisneros, S.M. Pereira & S. Ávila

Assumimos aqui as palavras de Leis (2010) ao se referir às pesquisas interdisciplinares⁴. Definido um problema, não se tem a “melhor” resposta. Fizemos uma opção que não foi simplesmente uma somatória de saberes disciplinares, de diários de campo e de textos escritos individualmente. Nossa trajetória de campo nos mostrou isto: não é a melhor resposta para nossa questão de pesquisa, mas também é uma interpretação possível.

Referências bibliográficas

BARRETO, L.C. *Prostituição, gênero e sexualidade: hierarquias sociais e enfrentamentos no contexto de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

BUTLER, J. Discutir con lo real. In: J. BUTLER, J. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*. p. 313-39. Buenos Aires, Barcelona e México: Paidós, 2002.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir, escrever. In: R. CARDOSO DE OLIVEIRA. *O trabalho do antropólogo*. p. 17-35. São Paulo e Brasília: Editora da UNESP e Paralelo 15, 2000.

ENRIQUEZ, E. O judeu como figura paradigmática do estrangeiro. In: C. KOLTAI (Org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 1998.

FÁVERI, M. As piriguetes de Floripa: práticas contemporâneas de propaganda de sexo pago. In: M. DE FÁVERI, J.G. DA SILVA & J.M. PEDRO. *Prostituição em áreas urbanas: histórias do tempo presente*. Florianópolis: UDESC, 2010.

FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: *Desvendando máscaras sociais*. p. 77-86. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da Cultura. In: *A interpretação das culturas*. p. 13-44. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

NONNENMACHER, M. Conselheiro Mafra: a alma de uma rua chamada “pecado”. In: M. DE FÁVERI, J.G. DA SILVA & J.M. PEDRO. *Prostituição em áreas urbanas: histórias do tempo presente*. p. 95-114. Florianópolis: UDESC, 2010.

⁴ Palestra proferida por Héctor Leis na mesa redonda “Práticas Interdisciplinares no Ensino, Pesquisa e Extensão da Pós-Graduação”, realizada no Encontro Acadêmico Internacional: Interdisciplinaridade e a Pós-Graduação – Escola de Altos Estudos CAPES/UFSC, Florianópolis, de 16 a 19 de Novembro de 2010.

PEDRO, J.M. Vender o corpo, vender o serviço – serviços sexuais e trabalhadoras/es do sexo: uma apresentação. In: M. DE FAVERI, J.G. DA SILVA & J.M. PEDRO. *Prostituição em áreas urbanas: histórias do tempo presente*. p. 11-16. Florianópolis: UDESC, 2010.

PEIRANO, M. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

VELHO, G. Observando o familiar. In: E.O. NUNES (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. p. 36-36. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978.

VELHO, G. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: G. VELHO (Org.). *O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. p. 13-20. Rio de Janeiro: Campus, 1980.